

O Brasil pode e tem condições de superar as... (final)

Henrique Pedro David
de Sanson (*)

Durante a Primeira Grande Guerra, em 1917, a miséria do povo russo desencadeou a Revolução Comunista. Os franceses e os ingleses ficaram de repente sem os aliados na frente oriental, com a paz em separado, e o novo governo bolchevique renegou todas as dívidas externas que a Rússia tinha contraído anteriormente.

Quando Stálin começou a reconstrução do país, para obter divisas, chegou até a vender quadros dos mais famosos do Hermitage, como a Madona Alba de Rafael e muitos outros ao sr. Melon, secretário do Tesouro dos EUA. Mas, depois, todas as grandes empresas europeias participaram da sua reconstrução, financiando e construindo os grandes centros siderúrgicos dos Urais. Na Segun-

da Guerra Mundial, a União Soviética não teria resistido se não fosse a ajuda americana de "lend-and-lease" e, hoje, metade da Europa caiu em seu poder, e a sua pressão militar no mundo é assustadora.

Após a Primeira Grande Guerra, a Alemanha exausta, com uma inflação incontrolável negou-se a continuar a pagar as indemnizações que lhe foram impostas. O caos interno favoreceu a vinda de Hitler e todas as consequências da Segunda Grande Guerra. No entanto, depois de quase destruída, com a ajuda do Plano Marshall, é hoje um dos expoentes na Comunidade das Nações.

Poderia mencionar também os ex-impérios coloniais europeus muitos perdidos com grandes danos materiais e até com vidas humanas. No entanto, aqui, na América do Sul e em particular no nosso país, os investidores estrangeiros nunca sofreram essas perdas ou expropriações.

Não negamos, nós brasileiros, nossas dívidas nem



nos recusamos a pagá-las, mas não com a miséria e o empobrecimento de nosso povo. Já somos um país organizado que em toda a sua evolução tem sido sempre pacífico e trabalhador. Ele passou recentemente de um regime militar forte para uma democracia sem nenhuma perturbação da ordem pública, o que é raro na história dos povos.

Os recursos do nosso solo e subsolo são imensos, mas precisamos mudar as regras do jogo. Enquanto os produtos industrializados e equipamentos que importamos dos países do Primeiro Mundo subiram, nestes últimos dez anos, a preços assustadores, enquanto os juros de nossos empréstimos chegaram às raias do absurdo (mais de 20% ao ano), os nossos produtos primários ficaram com preços cada vez mais aviltados. Somam dezenas de bilhões de dólares as perdas que tivemos nas exportações de açúcar, café, etc. com estas desvalorizações.

Enquanto foi da conveniência dos países indus-

trializados, quando dominavam completamente o mercado mundial, a tese de livre comércio foi defendida com toda a energia. Atualmente, além das políticas protecionistas, há na Europa a tendência a subsidiar produtos que ela não tem mais condições de produzir economicamente. Para citar apenas um, o açúcar.

As nações do Primeiro Mundo têm de começar a admitir, como já escreveu, há quarenta anos, o então candidato à Presidência dos EUA, Wendel Wilkey, que somos hoje um mundo só. O isolamento econômico político e social já não é mais possível. A Europa Ocidental e os EUA estacionaram na sua população, mas o Terceiro Mundo e o mundo socialista têm crescido em escala geométrica. O perigo de uma explosão de desespero já é um fato possível e real em muitas nações subdesenvolvidas.

Fala-se da insegurança nas cidades da América Latina, devido à pobreza e

à superpopulação. E o que me dizem da violência na Europa e no Oriente Próximo? Atentados políticos e lutas raciais dentro de países os mais conservadores são fatos hoje corriqueiros.

O Brasil pode e tem condições de superar as dificuldades presentes, que são próprias da evolução de todos os povos que passam por uma crise de crescimento acelerado.

Estamos provando que, ao contrário do que dizia o francês conde de Govineau sobre os trópicos (com endemias e miscigenação era impossível qualquer tipo de civilização), estamos construindo uma grande nação. Não podemos mais ser tratados como um país colonial, comprando o que necessitamos pelo maior preço e vendendo o que produzimos pelo menor possível, quando não somos sumariamente aliados dos mercados.

(*) Vice-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.